

VivaMarajó



**RELATÓRIO DA ATIVIDADE 1.3, DO PROJETO DE FORTALECIMENTO DOS
ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS –APL`S DO AÇAÍ E ANDIROBA NO MARAJÓ.**

**Oficina de elaboração de estratégia de promoção da Cadeia de Valor da
Andiroba Marajoara.**

Manoel Potiguar
Angela Amanak´wa Kaxuyana

**Belém (PA)
Maio de 2013**



SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. APRESENTAÇÃO..... | 7 |
| 2. ABORDAGEM METODOLOGICA..... | 10 |
| 3. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES..... | 14 |
| 3.1. Apresentação..... | 14 |
| 3.2. Diagnóstico..... | 15 |
| 3.2.1. Identificação das Etapas (elos) da Cadeia de Valor da Andiroba no Marajó..... | 15 |
| 3.2.2. Identificação dos Agentes da Cadeia de Valor da Andiroba no Marajó..... | 16 |
| Refinamento do Mapa da Cadeia de Valor da Andiroba do Marajó..... | 25 |
| 3.3. Planejamento Estratégico..... | 31 |
| 3.3.1. Gargalos e Oportunidades..... | 31 |
| 3.3.2. Visão de Futuro do APL da andiroba do Marajó..... | 32 |
| 3.3.3. Plano de Ação do Núcleo Gestor do APL da andiroba do Marajó..... | 36 |
| 3.4. Governança..... | 39 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 42 |
| 4.1. Relação dos participantes na Oficina..... | 45 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 46 |



LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 Descrição das etapas da cadeia, principais elos | 15 |
| Figura 2 Descrição/identificação dos atores | 17 |
| Figura 3 Prestadores de serviço | 20 |
| Figura 4 Representação da descrição dos serviços de apoio ao trabalho com a andiroba..... | 21 |
| Figura 5 Mapeamento dos organismos reguladores..... | 24 |
| Figura 6 Mapa geral da cadeia de valor da andiroba no Marajó | 30 |
| Figura 7 Identificação dos gargalos e oportunidades | 32 |
| Figura 8 Chuvas de ideias sobre andiroba..... | 33 |
| Figura 9 Lista de perspectiva/meta da andiroba para 05 anos | 34 |
| Figura 10 Lista de palavras chave | 35 |
| Figura 11 Lista do núcleo gestor APL andiroba | 40 |



LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 Descrição da atuação do operador..... | 18 |
| Tabela 2 Descrição da atuação do Prestador de Serviço | 20 |
| Tabela 3 Descrição da atuação do Serviço de Apoio..... | 22 |
| Tabela 4 Descrição da atuação na regulamentação..... | 25 |
| Tabela 5 Tabela de plano de ação do APL da andiroba no Marajó | 37 |

**LISTA DE SIGLAS**

| | |
|---------------------|--|
| ADEPARÁ | Agência de Defesa Agropecuária do Pará |
| AMAM | Associação dos Municípios do Marajó |
| AMOREMA | Associação dos Moradores da RESEX Mapuá |
| ANVISA | Agência Nacional de Vigilância Sanitária |
| ANTAQ | Agência Nacional de Transportes Aquaviários |
| APL | Arranjo Produtivo Local |
| ASSUREMAS | Associação dos Usuários da RESEX Marinha de Soure |
| ATER | Assistência Técnica de Extensão Rural |
| BASA | Banco da Amazônia SA |
| CGEE | Centro de Gestão e Estudos Estratégicos |
| CNS | Conselho Nacional das Populações Extrativistas |
| CODETEM | Colegiado de Desenvolvimento Territorial do Marajó |
| COOPEMAFLIMA | Cooperativa dos Produtores Extrativistas Marinhos e Florestais da Ilha de Marajó |
| EMATER | Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural |
| EMBRAPA | Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária |
| GIZ | Cooperação Alemã |
| ICMBIO | Instituto Chico Mendes de conservação da Biodiversidade |
| IDEFLOR | Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará |
| INCRA | Instituto |
| MDA | Ministério do Desenvolvimento Agrário |
| MMA | Ministério do Meio Ambiente |
| MPEG | Museu Paraense Emílio Goeldi |
| ONG | Organização Não Governamental |
| OSCIP | Organização da Sociedade Civil de Interesse Público |
| PCTAFS | Populações e Comunidades Tradicionais e Agricultores Familiares |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PNUD | Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento |
| PROCOM | |
| PSE | Parceria Sociedade Empresa |
| RESEX | Reserva Extrativista |
| SEDUC | Secretaria e Estado de Educação |
| SEFA | Secretaria da Fazenda |
| SEMA | Secretaria de Estado de Meio Ambiente |
| SEMED | Secretaria Municipal de Educação |
| SENAR | Serviço Nacional de Aprendizagem Rural |
| SESPA | Secretaria de Estado de Saúde do Pará |
| STTR | Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais |
| UFPA | Universidade Federal do Pará |
| UFRA | Universidade Federal Rural do Pará |
| UNICAMP | Universidade Federal de Campinas |
| USP | Universidade de São Paulo |



Manoel Potiguar¹
Angela Amanak'wa Kaxuyana²

Resumo

Este relatório resume as discussões da Oficina de Planejamento estratégico e mapeamento da cadeia de valor da andiroba no Marajó, produto da sociobiodiversidade, como atividade prevista do *Projeto de Fortalecimento dos Arranjos Produtivos Locais – APL'S do Açaí e Andiroba no Marajó*, executado pelo Instituto Peabiru, com apoio do PNUD e MMA, através de acordo de subvenção. A Oficina foi realizada entre os dias 20 a 24 de maio de 2013 e teve como principal resultado o retrato geral das relações formais e informais do mercado da andiroba no Marajó, assim como aponta os gargalos e limitações desta cadeia, revelando o quão incipientes ainda são esses arranjos produtivos. A cadeia apresenta grande número de intermediários (atravessadores) na maior parte de suas etapas, o que denota uma irregularidade da oferta do produto por parte dos comunitários e na insuficiência, conseqüentemente, do volume produzido, enquanto a demanda é crescente. Outros gargalos levantados são a pouca agregação de valor e a instabilidade de mercado. Como parte do planejamento elaborado foi formado ainda o Núcleo Gestor do APL da andiroba, bem como um Plano de Ações para o aprimoramento da cadeia, este que será executado pelo próprio núcleo.

¹ É mobilizador e facilitador da metodologia Value Links do projeto. Contribuiu com informações e metodologia deste trabalho. É Assistente de Projeto do Instituto Peabiru onde atua no Programa Viva Marajó. Sociólogo, tem experiência em trabalhos com de gestão de Unidades de Conservação, com populações tradicionais (indígenas, quilombolas e comunidades agroextrativistas) com ênfase em formas organizativas e resoluções de conflitos. Com populações indígenas, participou das discussões metodológicas e ações no desenvolvimento do etnomapeamento e etnozonomaneamento de terras indígenas no Pará, pela SEMA; além de professor de educação escolar indígena da SEDUC.

² Foi responsável pela moderação da oficina sobre APL Andiroba e elaborar este relatório, atualmente é assistente do projeto Almeirim Sustentável do Instituto Peabiru trabalhando atualmente com o projeto Almeirim Sustentável. Bacharel em Administração, com Habilitação em Gestão Ambiental e Pós-Graduação em Gestão, Consultoria e Auditoria Ambiental-IESAM, atuou nas áreas indígena como Assessora de Assuntos Indígenas na Secretaria de Estado de Meio Ambiente, e fez parte da elaboração, articulação, discussão e execução do Projeto Piloto Conservação da Biodiversidade em Terras Indígenas do Pará”, bem como da gestão das Florestas Estaduais de Faro, Trombetas e Paru na região da Calha Norte do Pará na Diretoria de Áreas Protegidas/SEMA.



1. APRESENTAÇÃO

“Na dimensão social e cultural constata-se que na Amazônia existe uma grande riqueza e potencialidades de técnicas e tecnologias tradicionais de uso sustentável dos recursos associado à biodiversidade. Por outro lado, esse grande potencial de biodiversidade pode criar as condições para gerar uma inclusão de grupos sociais excluídos das políticas públicas atuais, possibilidade de atendimento de necessidades básicas focadas nas comunidades da floresta.”

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos – CGEE/2007.

O Instituto Peabiru, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, atuando na Amazônia desde 2006, desenvolve desde 2010 o *Programa Viva Marajó*. Este Programa tem como Objetivo Geral *contribuir para a conservação da biodiversidade e da água, para a segurança fundiária, segurança alimentar e melhoria da qualidade de vida de povos e comunidades tradicionais, com especial atenção ao ordenamento territorial e implementação e consolidação das áreas protegidas do Marajó*.

O *Programa Viva Marajó* considera a mesorregião do Marajó, e seus 16 municípios – Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Currálinho, Gurupá, Melgaço, Muaná, Ponta de Pedras, Portel, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista, Soure –, com 104 mil km² (10,4 milhões de hectares), como um território único. Embora suas grandes proporções e importância histórica e cultural para o Pará e o Brasil, este Território apresenta um dos piores IDH do país, cerca de 0,63, com uma economia que não acompanha o crescimento do Estado³. Estes e outros dados e reflexões podem ser melhor visualizados no Diagnóstico socioeconômico do Marajó – *Escuta Marajó* (<http://peabiru.org.br/desenvolvimentolocal/>), realizado entre os anos de 2010 e 2011 pelo *Programa Viva Marajó*.

³ Enquanto o Estado do Pará teve um crescimento do PIB de 27% entre 2006 e 2008, o Marajó cresceu apenas 16% (dados apresentados na *Escuta Marajó*)



Outra ação do *Programa Viva Marajó* que merece destaque é o *Diagnóstico das Cadeias de Valor do Marajó*. Inserida no eixo econômico do Programa, o objetivo é *contribuir para o desenvolvimento de cadeias de valor sustentáveis, inclusivas e representativas do Território marajoara, que valorizem a conservação ambiental, sejam capazes de se diferenciar no mercado e com potencial de gerar benefícios econômicos*. O Diagnóstico procurou compreender a dinâmica das cadeias de valor da mandioca, da pesca artesanal, da pecuária e do açaí, produtos que foram identificados como de grande relevância para o Território durante a *Escuta Marajó*. Estes servem como um marco zero, visto que nenhum estudo com enfoque territorial ter sido realizado até então. Estes Estudos também foram devolvidos aos municípios durante o processo de socialização do *Escuta Marajó*.

Neste contexto é que em outubro de 2012 o Instituto Peabiru foi aprovado na chamada pública do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD em parceria com o Ministério do Meio Ambiente – MMA Nº 16113/2012 LOTE 01, com o Projeto *Promoção do arranjo produtivo do açaí e da andiroba para Povos e Comunidades Tradicionais no Arquipélago do Marajó, Estado do Pará*. Esse projeto tem como objetivo geral *Elaborar e aprimorar a estratégia do Arranjo Produtivo Local (APL) dos produtos da sociobiodiversidade do açaí e andiroba no território marajoara, especialmente para a promoção da segurança alimentar e nutricional e de geração de renda para populações agroextrativistas e Quilombolas, identificando e priorizando limitações e oportunidades de forma participativa, junto às instituições operadoras, prestadoras de serviço, de apoio, de fomento, e executoras de políticas públicas*.

O presente relatório trata da atividade 1.3 da Meta 1: *Oficina Inicial de Planejamento Estratégico de Promoção de Cadeia de Valor do Açaí*. Devido à complexidade das duas cadeias, optou-se por se trabalhar com grupos separados. Este documento faz referência somente às atividades desenvolvidas pelo grupo APL andiroba. A realização desta oficina de mapeamento e planejamento estratégico do APL da andiroba marajoara e formação de seu

VivaMarajó



núcleo gestor, envolveu atores locais dos municípios de Soure, Salvaterra, Bagre, Breves e Curralinho do território Marajoara, assim como de instituições parceiras e do setor público do Estado e da União.



2. ABORDAGEM METODOLOGICA

Seguindo as orientações do “*Guia Metodológico de Implementação de Oficinas de Promoção de Cadeias de Valor*” a oficina, prevista para a duração de 5 dias, entre o mapeamento da Cadeia, o Planejamento Estratégico, a Formação do Núcleo Gestor e a primeira reunião deste para pactuação dos responsáveis pelas atividades previstas no Plano, a Oficina teve como principal diretriz a metodologia participativa *Value Links*⁴, que permite a atuação efetiva dos participantes no processo de elaboração das informações, a partir da valorização de seus conhecimentos e experiências e do envolvimento na discussão, identificação e busca de soluções para questões que emergem de suas vidas cotidianas.

Baseado no guia elaborou-se um roteiro metodológico norteador da Oficina (Anexo). Dentro deste roteiro dividiu-se as atividades em quatro momentos: *Apresentação; Diagnóstico; Planejamento Estratégico; e Governança.*

Apresentação

Neste momento, a dinâmica se resume em apresentação das diretrizes gerais do Projeto, apresentação institucional do Instituto Peabiru, inscrição e apresentação dos participantes e apresentação da metodologia *Value Links*.

⁴ O manual utilizado foi o livro de referência para a metodologia *ValueLinks-B*, que é o nome dado à compilação sistemática de métodos orientados à ação para promover o desenvolvimento econômico com inclusão **social** e produtiva de Povos e **Comunidades** Tradicionais e Agricultores Familiares (PCTAF's) a partir de uma perspectiva de cadeia de valor, com respeito às especificidades culturais e à manutenção da qualidade ambiental, ou seja, com uma perspectiva da **sustentabilidade** dos meios de vida das populações **tradicionais**. - **Fonte:** Manual ValueLinks-B, para Coordenação do Plano Nacional de Promoções das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade.



Diagnóstico

Este é a aplicação da Metodologia *Value Links* para o mapeamento da cadeia de valor. Procurou-se, através da aplicação de ferramentas participativas como a utilização de tarjetas de diferentes cores para a identificação dos diferentes momentos da cadeia de valor, iniciar pela identificação dos elos da cadeia, passando pela nomeação dos atores da cadeia (operadores – tarjetas amarelas; serviços operacionais – tarjetas azuis; Serviços de apoio – tarjetas verdes; e Organismos reguladores – tarjetas rosa), obter um mapa representativo da cadeia desde a produção até a identificação dos mercados. Após esta identificação, passa-se ao refinamento, ou análise, dos dados obtendo-se, através de ligações, as relações de comercialização entre os operadores da cadeia.

11

Planejamento Estratégico

Inicia-se com apresentação sobre os principais conceitos a cerca de Planejamento Estratégico, a fim de subsidiar as discussões. Dessa forma passa-se ao levanto das principais problemáticas relacionadas à cadeia, como identificação dos “Gargalos” e “Oportunidades”. Seguido a isso, começa-se a responder as questões relativas à Visão de Futuro do APL: “Como queremos o açaí do Marajó em 2018?”. Com a Visão de Futuro elaborada têm-se o objetivo final visualizado e pode-se então partir para a elaboração do Plano de Ações, este composto por 6 níveis de refinamento, sendo: *Objetivos* (formam a visão geral de acordo com a Visão de Futuro); *Atividades* (são um nível de refinamento mais próximo da realidade, porém está mais ligada ao que se deve fazer, os passos, para se realizar os objetivos); *Ações* (estão no nível da execução de fato, o que se deve fazer de concreto para se alcançar os Objetivos); *Prazos* (o tempo para a realização das ações, estão divididos em Curto, Médio e Longo); *Animador* (responsável pelas ações, não necessariamente o executor das mesmas, mas o ponto focal para a respectiva ação); *Indicadores* (Servem como um medidor da ação, objeto em que se possa aferir o nível de efetividade da ação).



Governança

Esta é a etapa final de toda a oficina, momento em que a Plenária decide (vota) nas entidades que deverão compor o Núcleo Gestor do APL do açaí no Marajó. Além disso, é de responsabilidade do núcleo a execução do Plano de ações, por isso é pactuado entre os membros as responsabilidades (os animadores) pelas ações que compõem o Plano.

Além de seguir com orientações metodológicas do *Value Links* como roteiro de execução do projeto, o Instituto Peabiru elaborou previamente com os facilitadores da Oficina, reuniões técnicas e treinamentos dos consultores na metodologia *Value Links*. Um roteiro de conteúdo com identificação de pontos a serem abordados e as respectivas propostas metodológicas foi o fruto deste treinamento.

Como forma de atingir os objetivos da oficina em questão os facilitadores levaram em consideração as experiências e/ou vivências sobre os assuntos abordados. Dessa forma, buscou-se a aplicação de apropriadas ferramentas de participação e construção coletiva e adequadas técnicas de motivação e facilitação, conforme *Value Links* orienta (foram utilizadas outras ferramentas mais próximas da realidade do público alvo, como a utilização de *Diagrama de Venn*, exposição de vídeos e trabalhos em grupos).

Os produtos gerados durante as oficinas foram elaborados de modo a se promover a melhor visualização, entendimento e interação, os quais foram feitos em linguagem adequada ao público, composto em sua maioria por extrativistas. Em alguns momentos foram retomados assuntos já trabalhados anteriormente para que o processo de identificação e aprendizagem da cadeia da andiroba tivesse um caráter de fluxo contínuo de construção do conhecimento, despertando sentidos de protagonismo e pertencimento, importantes para a consolidação dos objetivos da oficina.

Para orientar na construção do mapeamento geral da cadeia de valor da andiroba do Marajó, durante a realização da oficina, através de utilização do *Value Links*, fez-se resumo dos passos do guia metodológico, conforme descrita abaixo.



1º passo – Definição das etapas da cadeia (tarjetas setas brancas) – Etapas são os elos da cadeia, os diferentes pontos de transição do produto, onde ele passa de um operador à outro, onde agrega valor (não ultrapassar 8 etapas);

2º Passo – Definição dos atores – operadores da cadeia (tarjetas amarelas) – operadores são os atores que detêm o produto para si, que o adquirem, que são se tornam donos do mesmo;

3º passo – Definição dos prestadores de serviço (tarjetas azuis) – são atores com atuação direta na cadeia, porém não se tornam detentores do produto, são apenas um meio.

4º passo – serviços de apoio (tarjetas verdes) – são os organismos de cooperação, quem de alguma forma promove melhorias de forma indireta para a cadeia, assistência técnica, ex: ONGs, ATERs (EMATER), EMBRAPA, etc.

5º passo – Organismos reguladores (tarjetas rosa) – órgãos governamentais, responsáveis pelo cumprimento das leis, normas e procedimentos

Análise:

1º passo – definição das atividades por etapa de cadeia (anotações com os pincéis diretos no quadro, abaixo das tarjetas com as etapas da cadeia).

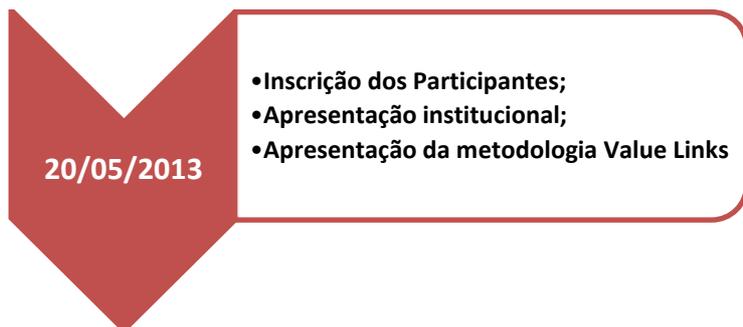
2º passo – setas com indicação das relações:

- a) Setas pontilhadas (-----) relações fracas, sem vínculos contratuais;
- b) Setas em linhas (—→) relações medianas, sem vínculo contratual, mas com alguma relação institucional, por ex: associados/cooperados que negociam com suas associações/cooperativas.
- c) Setas em linhas grossas (—→) relações fortes, contratuais.



3. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

3.1. Apresentação



Durante a abertura do evento, em que todos os representantes das entidades governamentais e não governamentais que atuam na cadeia de valor da andiroba no Marajó puderam se apresentar, o Sr. Manoel Potiguar iniciou as falas institucionais do Instituto Peabiru explanando o Projeto “Fortalecimento dos Arranjos Produtivos Locais – APL’s de açaí e andiroba no Marajó” e sua importância para a região, além de ressaltar o apoio do Ministério do Meio Ambiente - MMA e o financiamento do Projeto pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. Em seguida, passou a fala ao Sr. João Meirelles Filho, Diretor do Instituto Peabiru.

O Sr. João Meirelles destacou em sua fala o histórico do Instituto Peabiru, que este ano completa 15 anos. Falou também sobre a importância em se desenvolver o mercado do açaí e andiroba no Marajó para melhoramento da vida das comunidades. Continuou sua narrativa sobre o Instituto Peabiru ressaltando seus trabalhos no Marajó, através do Programa Viva Marajó iniciado há 3 anos.

Em seguida passou-se a apresentações sobre a programação do evento, pactuando horários e métodos. Fez-se breve apresentação em *Power Point* sobre a aplicação metodologia *Value Links*.

3.2. Diagnóstico

20 a
21/05/2013

- Identificação das etapas da Cadeia de Valor da andiroba;
- Identificação dos Agentes da Cadeia de Valor da andiroba;
- Refinamento do Mapa da Cadeia de Valor da andiroba.

Após as apresentações gerais sobre o projeto e a finalidade da oficina, os grupos dividiram-se em dois, onde o grupo do Arranjo Produtivo Local - APL da andiroba teve como facilitadora a Sra. Angela Kaxuyana, do Instituto Peabiru, que iniciou o debate a todos os presentes indicando que ficassem à vontade para debater e contar sobre a realidade das comunidades que trabalham com andiroba no Marajó, pois o espaço era de construção conjunta e que não estava em posição de ensinar, enquanto facilitadora, e sim de auxiliar na facilitação e organização das discussões sobre a realidade que somente eles conhecem.

3.2.1. Identificação das Etapas (elos) da Cadeia de Valor da Andiroba no Marajó

Foram apresentados os materiais a serem utilizados como ferramenta de organização das discussões, as tarjetas, com formas e cores diferenciadas para cada etapa da cadeia a ser mapeado pelo grupo. Para animação desta identificação de etapas da cadeia lançou-se a pergunta: *Quais são as etapas necessárias para levar o produto do local em que é produzido até os consumidores?* Ao passo que as etapas iam sendo levantadas, discutidas e aceitas, iam sendo anotados em tarjetas na cor branca (**Figura 1**).



Figura 1 - Etapa (Elo) da cadeia



No momento da descrição das principais etapas, alguns problemas da produção da andiroba foram abordados pelo grupo, por isso, segundo eles, seria difícil de descrever estas etapas sem detalhar às diferentes formas de produção. Como exemplo da dificuldade a Sra. Letícia Sales, representante do Conselho Nacional das Populações Extrativistas da Amazônia - CNS, apontou que: *“Existe um grande problema na produção da andiroba, ela estraga muito rápido. É necessário pesquisas para melhorar o armazenamento e conseguir maior durabilidade”*.

Durante a descrição das etapas houve diversas discussões sobre a existência de vários fluxos de etapas possíveis, pela complexidade do meio de relações de comercialização dos produtos da andiroba, assim como de diferentes tipos de processamentos da semente, a qual foi confirmada pela Sra. Malena Araújo, representante da empresa BERACA, que ressaltou que quando se trata de comercialização de óleo e sementes de andiroba têm fins diferentes. Logo, o Sr. Fortunato Brito, da Associação dos Moradores da Resex Mapuá – AMOREMA, do município de Breves, destacou que nas comunidades, de forma geral, a extração do óleo de andiroba ocorre de forma tradicional e que existem poucas pessoas que conhecem esse processamento: *“Nós extraímos o óleo e guardamos em casa, quando chega alguém querendo comprar, então vendemos”*.

3.2.2. Identificação dos Agentes da Cadeia de Valor da Andiroba no Marajó

3.2.2.1. Identificação dos Atores (Operadores da Cadeia)

Após muita discussão sobre definição dos principais elos da cadeia da andiroba, seguiu-se o 2º passo da metodologia: definição dos “atores”⁵ - operadores da cadeia - indicados nas tarjetas amarelas, representadas abaixo como **Figura 2**. Para auxiliar na

⁵ Destaca-se que para simplificar a linguagem a ponto de torná-la mais acessível a todo o público, optou-se por adotar a nomenclatura “atores”, por entender que esta é de uso mais corrente.

discussão destacou-se que atores são os que em alguma etapa da cadeia detêm o produto para si, que adquirem-no, que se tornam donos do mesmo.

ATORES

Figura 2 - Descrição/identificação dos atores

A identificação dos atores envolvidos no processo da cadeia foi facilitada pelo consenso no grupos acerca dos nomes de grupos e instituições que trabalham com a andiroba no Marajó. A maior dificuldade destacada neste trabalho foi identificar em qual etapa da cadeia esses atores se envolviam. A **Foto 1** mostra o trabalho:



Foto 1: Identificação dos atores envolvidos na cadeia da andiroba no Marajó.

A discussão sobre identificação dos atores trouxe à tona a existência de algumas figuras que perpassam em momentos diversos nas etapas, ou elos da cadeia, tornando-se um problema comum nas comunidades de toda região, o atravessador. Ressaltou-se que por muitas vezes é a única figura conhecida pelas comunidades como alguém que absorve a produção da andiroba, devido falta de informação ou mesmo de dificuldades de acesso aos



mercados pelas comunidades. Esse fato foi lembrado pela Sra. Cristiane Duarte, representante do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR, que destacou: *“Existe a figura do atravessador que pode se relacionar com quase todos os membros da cadeia”*. E ressaltada pela Sra. Malena – Beraca, *“O atravessador chega à comunidade, compra essa pequena produção de óleo, armazena e revende. E no caso as cooperativas, que podem comprar de pessoas não cooperadas, tornam-se uma espécie de atravessador”*.

A **Tabela 1** abaixo, sintetiza o entendimento do grupo sobre as definições dos atores da cadeia.

Tabela 1 - Descrição da atuação do operador

| Operador | Etapa de atuação | Descrição da atuação do operador |
|--------------------------------|---|--|
| Extrativista Individual | Extração/Primeiro beneficiamento/ Comercialização | Principal ator da cadeia. Atua diretamente com a coleta e beneficiamento artesanal do óleo, além de comercializar, tanto sementes quanto óleo, com diversos outros operadores, como Cooperativas, atravessadores, empresas, etc. e até mesmo há alguns que comercializam diretamente no mercado local. |
| Extrativista Associado | Extração | Atua somente na coleta das sementes e comercializa somente com a Associação da qual faz parte. |
| Extrativista Cooperado | Extração | Atua somente na coleta das sementes e comercializa somente com a Cooperativa da qual faz parte. |
| Cooperativa | Primeiro Beneficiamento/ Transformação/ Comercialização | Associação de pessoas com interesses comuns. Economicamente organizada de forma democrática entre seus cooperados. É mais adaptada para o comércio em comparação à associação por emitir nota fiscal; a cooperativa também organiza a produção para a venda da andiroba e negocia diretamente com a indústria. |
| Associação | Primeiro beneficiamento | Organização social formal que representa a família agroextrativista na busca por políticas públicas para a produção e comercialização da andiroba; a associação tem feito em muitos lugares a organização da produção para a venda da andiroba, enfrentando os atravessadores. |
| Grupo de Mulheres | Extração/ Primeiro beneficiamento/ Transformação/ Comercialização | Associação, não formal, das mulheres que não somente coletam as sementes, mas a beneficiam e transformam em cosméticos. Não comercializam nem sementes nem óleo bruto, somente os cosméticos que produzem (repelentes, óleos corporais, sabonetes, etc.) |
| Atravessador | Marretagem | Agente intermediador na venda da andiroba, somente do óleo de primeiro beneficiamento (artesanal) que transporta a produção para o mercado local (feiras e |



| Operador | Etapa de atuação | Descrição da atuação do operador |
|--|---------------------------|--|
| | | diretamente para o consumidor final) na capital ou sedes municipais. Suas relações de comercialização na cadeia são sempre informais. Normalmente sua origem é próprio município onde “atravessa”. |
| Indústrias | Beneficiamento Industrial | Hoje, na região do Marajó, há pelo menos duas indústrias que negociam diretamente com os extrativistas (Associações e Cooperativas), BERACA e Natura. Ambas preferem negociar a semente que é processada em suas fábricas onde têm-se o óleo refinado que servirá de base para a Indústrias de cosméticos e farmacêuticas. |
| Indústrias farmacêuticas e cosméticas | Transformação | Estas Indústrias são as compradoras do óleo refinado por outras indústrias. Utilizam-no para a fabricação de cosméticos e medicamentos. |
| Feiras | Comercialização | Espaços públicos de comercialização onde “feirantes” compram e vendem produtos, geralmente oriundos da agricultura familiar. Representam o último elo de comercialização da maioria desses produtos e têm como principal característica a informalidade das relações. |
| Supermercados | Comercialização | Em escala regional (principalmente na capital, Belém), os supermercados costumam comprar a produção de óleo bruto de atravessadores, devido ao volume, que é fracionado (acondicionado em frascos) e posto em suas prateleiras. |
| Farmácias | Comercialização | Negociam com as indústrias de transformação, numa relação formal. Porém, foi levantado na oficina que o grupo de mulheres, que também transforma o óleo, negocia com farmácias locais (nos municípios do Marajó), porém de informalmente. |
| Lojas especializadas | Comercialização | Sabe-se que existem, principalmente na capital, diversas lojas de produtos naturais que comercializam óleos e derivados. Porém, não soube-se precisar com quem ou como estas pequenas lojas costumam comercializar. |

3.2.2.2. Identificação dos Prestadores de Serviços

Proseguiu-se com a elaboração do mapeamento, passando à etapa de se apontar os prestadores de serviço. Esta etapa do mapeamento está relacionada àqueles atores que têm atuação direta na cadeia, porém não se tornam detentores do produto, são apenas um meio do

processo de escoamento ou de ligação do produto a outros atores envolvidos. Esta fase será representada pela tarjeta de cor azul como a **Figura 3** exemplifica.



Figura 3 - Prestadores de serviço

Quando se discutiu a identificação dos prestadores de serviços, o grupo, de forma comum e consensual, explicitou que para o Marajó, seja nos campos ou na várzea, os principais problemas enfrentados são de locomoção, transporte, e que, portanto, as mais significativas prestações de serviços para a andiroba na região são as de escoamento da produção, seja fluvial ou terrestre.

A **Tabela 2** abaixo descreve o entendimento sobre os prestadores de serviços na cadeia de valor da andiroba do Marajó.

Tabela 2 Descrição da atuação do Prestador de Serviço

| Prestador de Serviço | Etapa de atuação | Descrição da atuação do Prestador de Serviço |
|---------------------------------------|--|--|
| Transporte fluvial e terrestre | Extração/Primeiro beneficiamento/ Beneficiamento Industrial | Durante a coleta de sementes, algumas vezes é necessário pagar ou fretar, barco (canoa com motor rabeta) ou pequenos caminhões com carroceria (geralmente de pessoas da própria comunidade) para transportar as sementes até o local de beneficiamento. Outra forma deste tipo de prestação de serviço se dá na etapa de negociação entre cooperativas e associações com empresas, estas últimas pagam os fretes de barcos ou caminhões para o transporte da matéria prima (em sua maioria sementes) até as fábricas. Também a esta terceirização no transporte do óleo refinado até as indústrias de transformação. |
| Certificação Orgânica | Beneficiamento Industrial | A certificação orgânica, embora seja um serviço executado ainda na fase extração, estocagem se sementes e primeiro beneficiamento, ela surge somente na etapa de beneficiamento industrial devido ser um serviço pago pela indústria. Não há hoje no Marajó comunidades pagando por estes serviços, daí serem as empresas as detentoras da certificação. |
| Embalagens | Comercialização | Este tipo de prestação de serviços está mais ligado às etapas |



| Prestador de Serviço | Etapa de atuação | Descrição da atuação do Prestador de Serviço |
|---------------------------|------------------|--|
| | | finais da cadeia e atendem em sua maioria à empresas, embora haja a experiência da Associação de Mulheres que demandam estes serviços para a padronização de seus produtos |
| Insumos cosméticos | Comercialização | Estes serviços também atendem em sua grande maioria à empresas de grande porte, porém, tal qual no item anterior, já a experiência do grupo de mulheres que demandam destes insumos. |
| Transportadoras | Comercialização | Estes serviços encontram-se somente nos elos finais das cadeias e atendem as demandas das indústrias. |

3.2.2.3. Identificação dos Serviços de Apoio

A descrição dos serviços de apoio apontam os organismos de cooperação, ou seja, quem de alguma forma promove melhorias indiretamente para a cadeia, que dá assistência técnica, ex: ONGs, ATERs (EMATER), EMBRAPA etc.

Este ator foi representado pela tarjeta verde, conforme a **Figura 4** apresentada abaixo.



Figura 4 - Representação da descrição dos serviços de apoio ao trabalho com a andiroba

Após a animação da moderação, os comunitários puderam listar as instituições que de alguma forma apóiam o trabalho deles com a andiroba, seja nas capacitações, treinamentos ou outro tipo de apoio. No quadro do mapa, em tarjetas, foram listadas diversas instituições e empresas que têm iniciativas nas comunidades, assim como instituições de governos que são responsáveis pela gestão do território, como por exemplo: A Reserva Extrativista Mapuá – Resex Mapuá, que tem como gestor da Unidade o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio; ou instituições de ensino e pesquisa como Universidade Federal Rural da Amazônia- UFRA, Organizações Não Governamentais- ONG`s, como Instituto Peabiru e o CNS, e organismos de cooperação como GIZ.



Observou-se que os serviços de apoio não são claros aos olhos dos participantes da oficina para alguns dos elos da cadeia, pois o grupo, principalmente de comunitários do Marajó, disse desconhecer a existência desse tipo de fomento à atividade, principalmente nas primeiras etapas da cadeia, mais diretamente ligadas ao extrativista, e a questão da *marretagem* na região é um exemplo da ausência de capacitações para os produtores, da falta de poder desses extrativistas na cadeia. Vale ressaltar que este cenário também perpassa na etapa do mapeamento dos organismos reguladores na atividade da andiroba no Marajó, momento em que mais ressaltou-se a inexistência, ou ineficiência, de atuação dos organismos reguladores. Esta mesma situação é relatada em várias pesquisas, como a citação abaixo.

“Todavia, as políticas públicas são ainda insuficientes, os programas de apoio e fomento são extremamente desarticulados e pulverizados, tanto em espacialmente quanto no interior das cadeias produtivas. Assim como são poucas as ações legais existentes. Dessa forma, as comunidades extrativistas e produtoras se encontram desprovidas de um marco legal apropriado e o que existe está totalmente desarticulado.

No âmbito do governo federal é recorrente a falta de integração entre as pastas responsáveis pelas políticas regulatórias, além de muito pouca cooperação com o setor privado.”

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos – CGEE/2007
(Sub-rede de Dermocosméticos na Amazônia a partir do Uso Sustentável de sua Biodiversidade com enfoques para as Cadeias Produtivas da: Castanha-do-Pará e dos Óleos de Andiroba e Copaíba)

A **Tabela 3** abaixo traz a síntese das discussões.

Tabela 3 - Descrição da atuação do Serviço de Apoio

| Serviço de Apoio | Etapa de atuação | Descrição da atuação do Serviço de Apoio |
|------------------|--------------------|---|
| BERACA | Extração/ Primeiro | Empresa brasileira que atua na Amazônia com o |



| Serviço de Apoio | Etapa de atuação | Descrição da atuação do Serviço de Apoio |
|--------------------------|---|--|
| | Beneficiamento/ Comercialização | refinamento de óleos vegetais, matéria prima para indústrias de cosméticos. Com uma interface direta com algumas comunidades no Marajó, técnicos da empresa prestam assistência técnica às comunidades. Há ainda uma parceria firmada entre a Empresa e a Cooperação Alemã (GIZ) no âmbito de uma Parceria Sociedade e Empresa (PSE) que busca implementar a relação entre as comunidades e a empresa com a finalidade de comércio justo e melhoramento da produção. |
| Ideflor | Extração/ Primeiro beneficiamento | O Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará, ainda não atua na região com este produto, mapeou-se por se entender um potencial parceiro. |
| EMATER | Extração/ Primeiro beneficiamento | Prestador de assistência técnica do Governo do Estado do Pará com escritórios nos 16 municípios do Marajó. Mesmo com a falta de estrutura diante da logística regional, tem se mostrado uma referência técnica para os extrativistas. |
| ICMBio | Extração/ Primeiro beneficiamento/ Comercialização | Tendo em vista que a maioria das atividades mapeadas para a extração de andiroba acontece em áreas de RESEX, o Instituto Chico Mendes, órgão do governo Federal responsável pela gestão destas Unidades de Conservação, tem atuado bastante com a realização de oficinas para os comunitários. |
| CNS | Extração/ Primeiro beneficiamento/ Comercialização | O Conselho Nacional das Populações Extrativistas atua principalmente nas áreas das RESEX no Marajó. Promove oficinas de capacitação para as comunidades. Hoje tem Termo de Cooperação Técnica com a GIZ. |
| GIZ | Extração/ Primeiro beneficiamento/ Comercialização/ Consumo | A Cooperação Alemã atua no território visando também capacitações e oficinas, sempre para os comunitários, que vão desde cursos sobre organização social até educação financeira e empreendedorismo |
| Instituto Peabiru | Produção / Extração | O Instituto Peabiru promove debates e discussões à nível territorial sobre as cadeias de valor marajoaras, através de pesquisas realizadas na região. Atua também na elaboração e execução de projetos socioambientais com comunidades no Marajó. |
| UFRA | Extração/ Primeiro beneficiamento | A Universidade Federal Rural da Amazônia atua principalmente com geração de conhecimento na região. |
| UFPA | Beneficiamento Industrial | A Universidade Federal do Pará atua principalmente na pesquisa e desenvolvimento de tecnologias. |
| MPEG | Beneficiamento Industrial | O Museu Paraense Emílio Goeldi é reconhecido internacionalmente pelas pesquisas realizadas na Amazônia. Na cadeia tem papel preponderante nos estudos sobre as propriedades do óleo de andiroba. |
| USP | Beneficiamento Industrial | A Universidade de São Paulo atua principalmente na pesquisa e desenvolvimento de tecnologias. |
| UNICAMP | Beneficiamento | A Universidade Estadual de Campinas atua principalmente |



| Serviço de Apoio | Etapa de atuação | Descrição da atuação do Serviço de Apoio |
|------------------|------------------|---|
| | Industrial | na pesquisa e desenvolvimento de tecnologias. |

3.2.2.4. Definição dos Órgãos Reguladores

Para o 5º passo deste mapeamento, definição dos organismos reguladores, utilizou-se as tarjetas rosa (**Figura 5** abaixo) – esses organismos são responsáveis pelo cumprimento das legislações e normas e procedimentos.



Figura 5 - Mapeamento dos organismos reguladores

Durante as discussões, frisou-se bastante a ausência dos organismos reguladores em todo processo da atividade com andiroba. Ficou claro para os participantes que há necessidade de um marco regulador para atividade que seja acessível a todas as comunidades, pois facilitaria a resolução de muitas questões sobre o processamento e venda da andiroba do Marajó.

Porém, a Sra. Selma Lisboa, representante da Secretaria de Estado de Saúde do Pará – Departamento de Vigilância, informou que quando se trata do óleo da andiroba extraída de forma artesanal, ou seja, quando o processo se configura como extrair, processar, embalar e vender, hoje não há parâmetros para fiscalização. Essa só ocorre quando o processo é feito de forma industrial, quando a indústria usa o óleo para gerar novos produtos, como, por exemplo, a empresa BERACA que fornece matéria prima para Natura, L’oréal e outras empresas de cosméticos. Esse tipo de atividade em escala industrial segue uma normatização definida, informou a representante da SESP. Continuou frisando que mesmo sendo a andiroba tradicionalmente reconhecida como medicamento, há a necessidade de sua suposta eficácia ser comprovada através de pesquisas científicas.

Um resumo das discussões pode ser melhor visualizado na **Tabela 4** abaixo.



Tabela 4 - Descrição da atuação na regulamentação

| Órgãos Reguladores | Etapa de atuação | Descrição da atuação na regulamentação |
|---------------------|--|---|
| SEMA | Extração/ Primeiro beneficiamento/ Beneficiamento industrial/ Transformação/ Comercialização | A Secretaria de Estado de Meio Ambiente hoje não atua diretamente na primeiras etapas da cadeia, contudo, desde publicação da resolução 107 do COEMA de 08 de março de 2013, há a dispensa de licenciamento estadual, passando esta atribuição aos municípios. Atua nos demais elos como agente de fiscalização e emissão de licenças ambientais. |
| ICMBIO | Extração/ Primeiro beneficiamento | Tem atuação em 06 unidades de conservação do Marajó, sendo o responsável pelo acompanhamento do uso florestal da andiroba, nas áreas dessas UC, em cerca de 850 mil hectares de floresta. |
| ADEPARÁ | Extração/ Primeiro beneficiamento | Fazem a inspeção a nível estadual no momento do extração e primeiro beneficiamento. |
| ANVISA | Beneficiamento industrial/ Transformação/ Comercialização | Fazem a inspeção a nível federal do produto para o consumo humano. |
| Conselhos das RESEX | Extração/ Primeiro beneficiamento | Conselhos deliberativos instituídos por ato do executivo que tem por função fazer a gestão da Unidade de Conservação |
| SEFA | Extração/ Primeiro beneficiamento/ Beneficiamento industrial/ Transformação/ Comercialização | Secretaria de Estado da Fazenda do Pará é hoje a principal responsável pela regulamentação da cadeia, como por exemplo para a emissão de notas fiscais. Durante a oficina entendeu-se que este órgão precisa ser mais atuante na região para se estabelecer regras fiscais específicas para a cadeia como um todo. |
| MDA | Beneficiamento industrial/ Transformação/ Comercialização | O Ministério do Desenvolvimento Agrário responsável pelas políticas de crédito aos extrativistas, além da regulamentação do setor industrial. |
| MMA | Beneficiamento industrial/ Transformação/ Comercialização | O Ministério do Meio Ambiente, embora pouco atuante, diretamente, na região, foi apontado principalmente pelo potencial em se estabelecer regras específicas para a extração e primeiro beneficiamento, o que é visto como essencial para o melhoramento da cadeia. Nas demais etapas é [órgão regulador para emissão de licenças. |
| PROCOM | Beneficiamento industrial/ Transformação/ Comercialização | A Diretoria de Proteção dos Direitos dos Consumidores do Pará foi apontada principalmente com relação a regulamentação de produtos para a indústria farmacêutica, pois a andiroba, embora seu uso tradicional, não tem seus atributos medicinais ainda comprovados. |

3.3. Refinamento do Mapa da Cadeia de Valor da Andiroba do Marajó

No segundo dia do evento, Sra. Angela Kaxuyana, responsável pela moderação da oficina, deu as boas vindas a todos os presentes e iniciou os trabalhos do dia provocando os mesmo a fazerem uma reflexão sobre o trabalho construído no dia anterior e da importância do mapeamento da atividade de forma participativa para fortalecimento das comunidades extrativistas, via suas associações e cooperativas, assim como da importância do trabalho em conjunto das comunidades para melhoramento do processo artesanal da andiroba, para agregação do valor nas próprias comunidades. Destacou ainda que é necessário que as comunidades beneficiárias do projeto vejam essa oficina de mapeamento das cadeias como parte inicial da valorização do trabalho secular dos marajoaras e a absorvam como instrumento de fortalecimento de suas comunidades.

Lembrou também a importância do trabalho das comunidades no uso e manutenção dos recursos naturais através de suas práticas tradicionais, assim como da importância das empresas que absorvem esses produtos como produtos diferenciados.



Foto 3: Validação da discussão e análise do mapa da cadeia de valor da andiroba.

Para detalhar os processos das atividades realizadas em cada elo da cadeia os participantes da oficina puderam discutir como são suas experiências em cada etapa da atividade, pois, como bastante ressaltado no dia anterior, as comunidades trabalham com diferentes formas de processamento artesanal da semente. A partir dos relatos e debates sobre esses processos da atividade, anotou-se as descrições em painéis.



3.3.1.1. Relatos sobre detalhamento das atividades da andiroba no Marajó.

- **Tamires Cruz - COOPEMAFLIMA** - *“Fizemos pesquisas para reorganizar a cooperativa. Depois houve a criação de um polo para armazenar a produção, já que havia catadores que não faziam uma primeira seleção das sementes e tínhamos que pagar os cooperados para fazer essa função, hoje com o polo, fortaleceu contrato com a BERACA que passou a comprar óleo e não mais as sementes, a empresa nos fornece sacos orgânicos para armazenagem da andiroba, pois para a BERACA só interessa se for orgânico. Ainda não trabalhamos com fabricação de cosméticos, mais é um plano para o futuro”.*
- **Fortunato Brito – AMOREMA**: *“Nós coletamos andiroba no mato, trazemos para casa deixamos de molho em água para fazer seleção, quando sobe as furadas retiramos, as sementes boas são guardamos em sacos, e por ultimo vai para o caldeirão cozinhar para retirar a massa”.*
- **Dalva Figueiredo - ASUREMA**: *“Coleta na praia, e deixo para secar na sombra, precisa quebrar a andiroba para retirar a amêndoa, depois que a massa estiver pronta é modelada e vira bolas”.*
- **Michele da Conceição- RESEX MAPUÁ**: *“Essas bolas que foram modeladas ficam em uma tábua ou telha inclinadas para que o óleo escorra e caia dentro de uma vasilha, esse processo dura até 30 dias”*
- **Dalva Figueiredo - ASUREMA** : *“A gente tem um grupo que produz óleo e vende para os marreteiros, eles levam para Belém e vendem mais caro, as vezes até adultera o produto”.*
- **Tamires Cruz - COOPEMAFLIMA** : *“Da andiroba não se perde nada, dos resíduos da para fazer velas e sabonetes esfoliantes, depois que é prensado tudo se*



Após a análise dos processos das atividades da andiroba, realizou-se a indicação das relações, tal como exposto no item 2 deste relatório. Para o quadro geral do mapa da cadeia da andiroba do Marajó (vide **Figura 6** abaixo), considere-se uma legenda, onde utilizaremos:

29

- a) **--▶** Para óleo, indica relações de mercado informais/sem contrato;
- b) **—▶** Para óleo, indica relações de mercado informais, porém de tradição e confiança;
- c) **→** Para óleo, indica relações de mercado formal/com contrato.
- d) **--▶** Para sementes, indica relações de mercado informais/sem contrato;
- e) **—▶** Para sementes, indica relações de mercado informais, porém de tradição e confiança;
- f) **→** Para sementes, indica relações de mercado formal/com contrato.

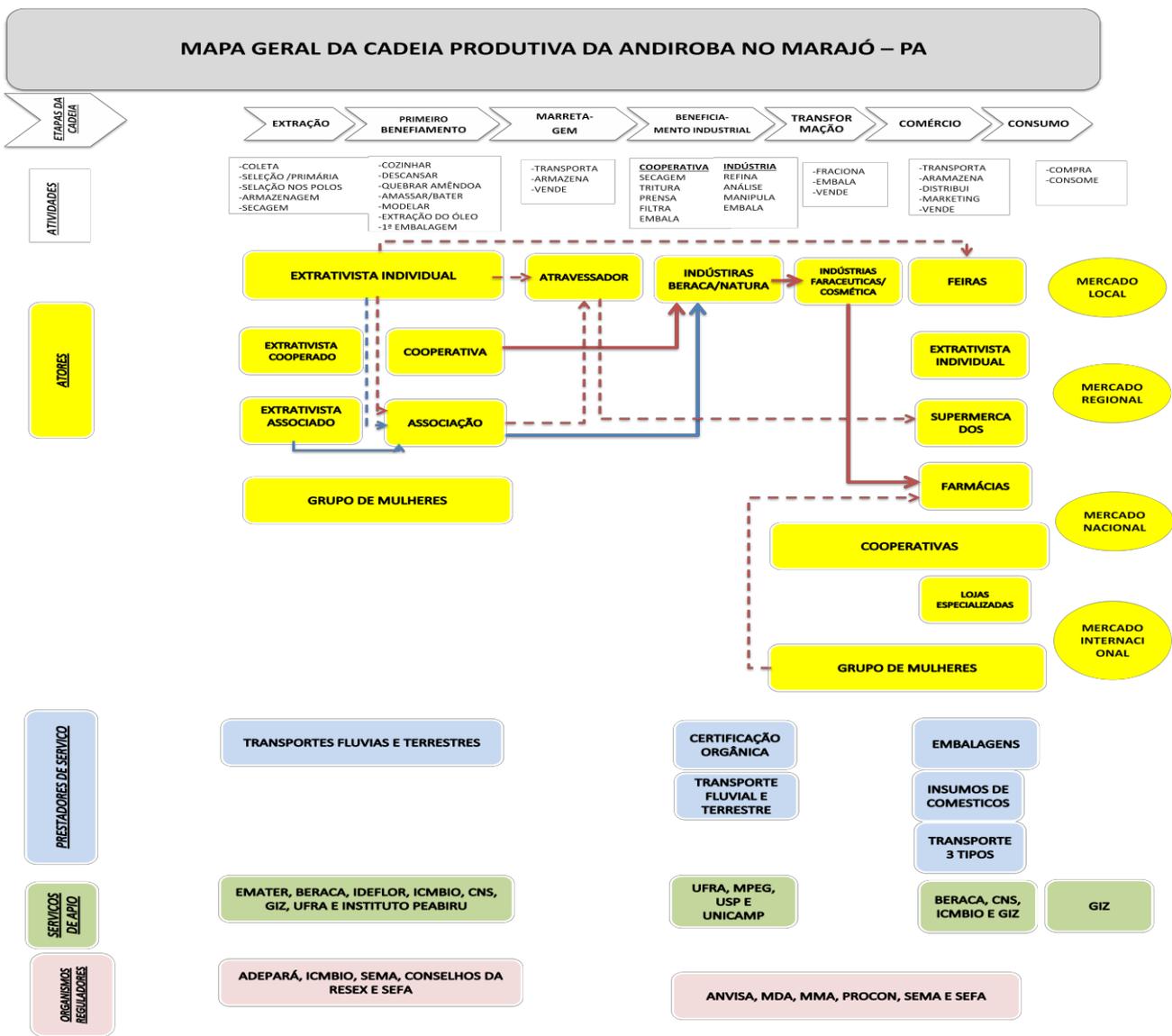


Figura 6 Mapa geral da cadeia de valor da andiroba no Marajó



Vale ressaltar que o quadro geral apresentado acima é resultado de discussão do cenário atual do território Marajoara. É o mapa que reflete os processos comuns das atividades das comunidades com óleo de andiroba.

31

“Existem lojas especializadas em produtos naturais, não sabemos quem são seus fornecedores, então seria uma oportunidade para negociar. Mas para isso a andiroba do Marajó tem que se firmar como produto de qualidade e orgânico, pois quando a produção é consciente ganha mercado mais rápido, nesse caso o selo de origem é indispensável para agregar valor ao produto”.

Tamires Cruz - COOPEMAFLIMA

3.4. Planejamento Estratégico

21 a
22/05/2013

- Gargalos e Oportunidades;
- Visão de futuro do APL da andiroba;
- Plano de ação do Núcleo Gestor do APL da andiroba.

3.4.1. Gargalos e Oportunidades

Como forma de análise crítica do mapeamento da cadeia, a fim de subsidiar a elaboração do Planejamento Estratégico para a promoção do APL da andiroba do Marajó, o grupo discutiu sobre a existência dos gargalos e oportunidades no fluxo dessa cadeia.

O Grupo foi dividido em dois subgrupos que discutiram e expuseram suas opiniões em dois cartazes, um para as oportunidades e outro para os gargalos. Ao final das exposições dos dois subgrupos, houve debate entre todos e elencados os gargalos e oportunidades expostos na **Figura 7** abaixo.



Figura 7 Identificação dos gargalos e oportunidades

3.4.2. Visão de Futuro do APL da andiroba do Marajó

No dia 22, a Sra. Angela Kaxuyana, responsável pela moderação dos trabalhos durante a oficina para discussão da APL da andiroba, iniciou rememorando as atividades e discussões dos dias anteriores e fez leitura do quadro geral para que todos visualizassem a importância da construção do retrato da cadeia da andiroba no Marajó a partir do debate dos comunitários e instituições presentes no evento. A moderadora explicou que a continuidade do Planejamento estratégico seria a construção da visão de futuro do arranjo produtivo da andiroba com a perspectiva para 5 anos.

Para iniciar as discussões foi lançada a pergunta: *O que vocês pensam ou imaginam quando se fala em andiroba?* E em forma de *chuva de ideias* as palavras foram surgindo e as

mesmas foram anotadas de forma aleatória no quadro de *Flip Chart*, representada pela figura 8 abaixo.



Figura 8 Chuvas de ideias sobre andiroba

Com objetivo de maior envolvimento de todos os membros participantes da oficina, explicou-se ao grupo que seriam divididos em dois subgrupos menores para um debate mais detalhado e a que o resultado da *chuva de ideias* seria utilizada nesta próxima etapa da atividade. Para orientar o trabalho dos dois subgrupos fez-se a seguinte reflexão: “*Como imagino ou sonho que a andiroba esteja daqui a 5 anos no mercado?*.” Com base nesta pergunta surgiram vários relatos do que seria o ideal para suas vidas relacionado à atividade com a andiroba.

Para aproximar da realidade, fez-se a seguinte dinâmica: simulou-se que já se tinham passados os 5 anos após o planejamento da atividade com andiroba no Marajó e os participantes ali presentes se reencontraram. A partir dessa ideia geral os grupos foram formados e iniciou-se a discussão interna dos subgrupos. O resultado das discussões foi anotado em cartazes, seguido de exposição pelos subgrupos de seus resultados, conforme a **Figura 9 e Fotos 5 e 6** abaixo.

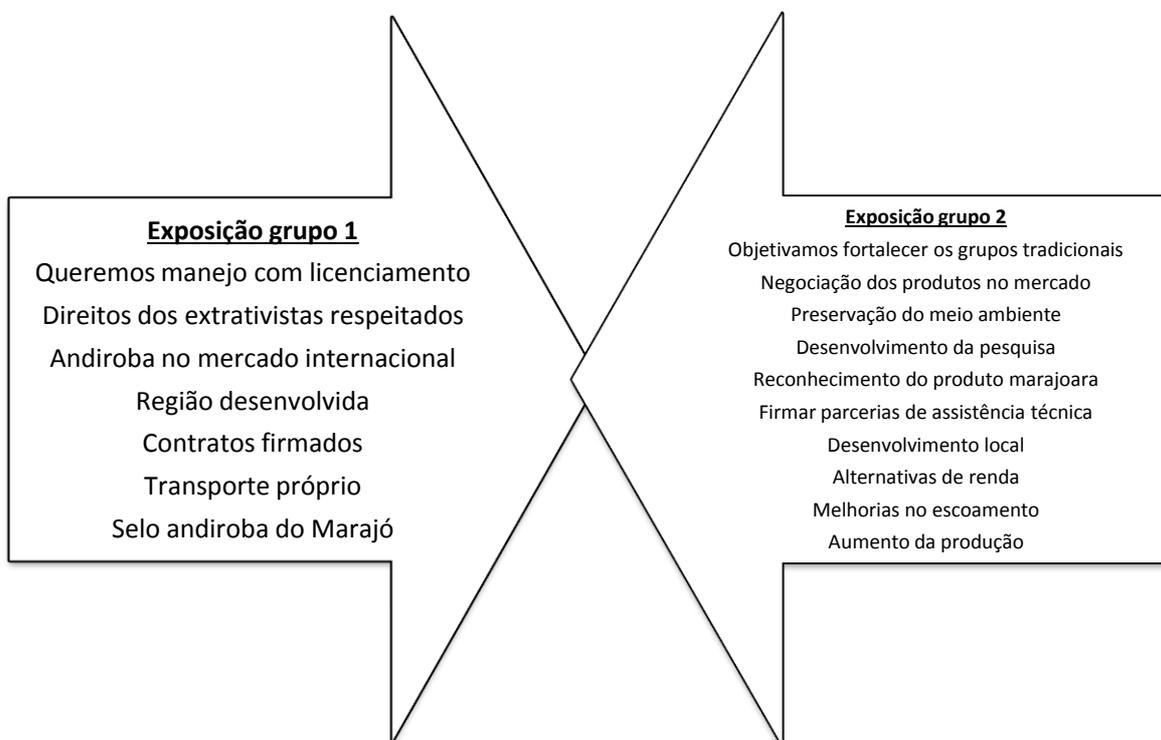


Figura 9 Lista de perspectiva/meta da andiroba para 05 anos



Foto 5: Exposição do grupo 1 sobre as perspectivas/metapas para 05 anos



Foto 6: Exposição do grupo 2 sobre as perspectivas/metapas para 05 anos

Após apresentação das metas dos grupos, gerou-se um debate sobre os pontos comuns e singulares das listas, logo se fez um refinamento das propostas, o que gerou uma lista única com palavras-chave para uma visão de futuro da andiroba marajoara. As palavras-chave, que idealizam possibilidades de mudanças para o APL, formam o quadro abaixo, **Figura 10.**

| |
|--|
| Fortalecimento dos grupos |
| Direitos dos extrativistas respeitados e reconhecidos |
| Áreas de andiroba preservadas e manejadas |
| Firmar parcerias |
| Estruturas físicas adequadas |
| Pesquisas e técnicas de beneficiamento |
| Reconhecimento dos produtos da andiroba marajoara |
| Produtos diversificados |
| Mercado consolidado para a andiroba |
| Escoamento facilitado |
| Alternativa de renda |

Figura 10 Lista de palavras chave

Em seguida, deu-se inicio a construção da visão de futuro a partir da metodologia “chuva de ideias”, ou seja, levantamento de palavras-chave elencadas pelo grupo da andiroba. A estratégia utilizada foi de elaborar o texto partindo da pergunta, “Como

queremos a andiroba do Marajó em 2018?." Cujo resultado pode ser visualizado na **Figura 11** abaixo.

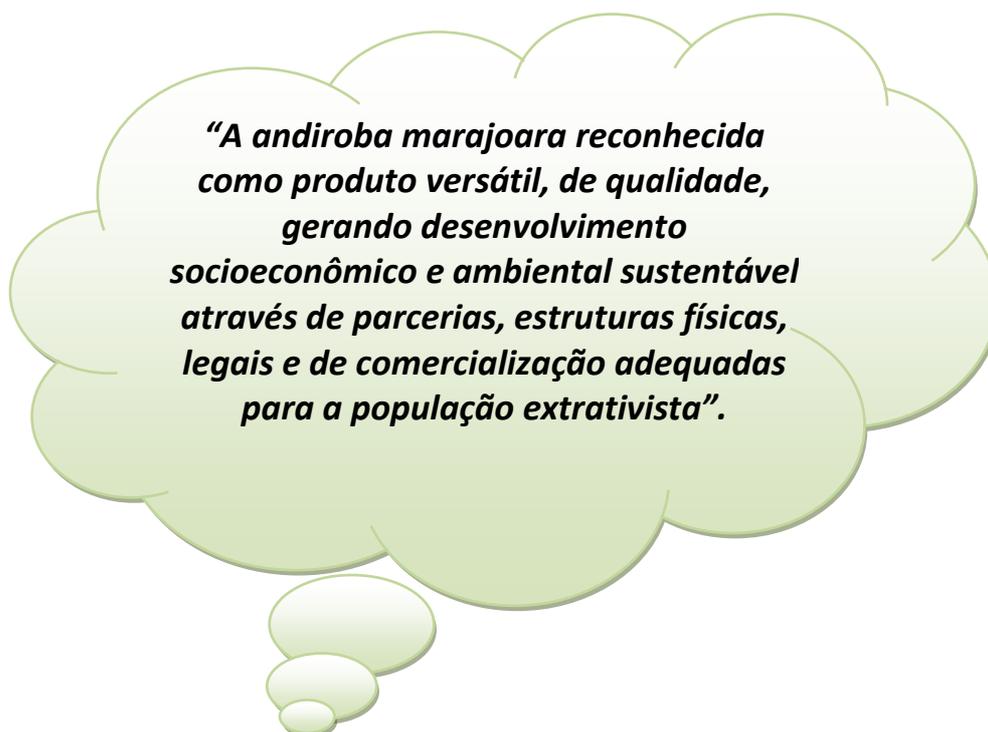


Figura 11 Visão de futuro elaborado pelo grupo APL andiroba

3.4.3. Plano de Ação do Núcleo Gestor do APL da andiroba do Marajó

Finalizada a visão de futuro, o grupo iniciou os trabalhos de elaboração de um Plano de Ação para o fortalecimento do APL.

A Sra. Angela Kaxuyana, utilizando-se de tarjetas, elaborou uma matriz com as seguintes colunas: **Objetivos; Atividades; Ações; Prazo; Indicadores;** e, por indicação da própria Assembleia, uma coluna a mais com "**Parceiros**", ou seja, pessoas/instituições que poderiam cooperar para determinada ação.

Como metodologia, a proposta foi trabalhar com o grupo todo da andiroba, e durante as discussões iam se elencando as palavras chave, com a utilização de tarjetas com cores e



formas específicas para cada coluna. Como resultado obteve-se uma matriz com o Plano de ação elaborado (vide **Tabela 5**).

Tabela 5 Tabela de plano de ação do APL da andiroba no Marajó

| Objetivos | Atividades | Ações | Prazos * | Parceiros | Indicadores |
|--------------------------------|---|--|----------|--|---|
| Fortalecimento das Comunidades | Apoiar fortalecimento das organizações (Cooperativas e Associações) | Identificar grupos que já trabalham com andiroba | Curto | SEBRAE, GIZ, SENAR, UFPA, UFRA, PEABIRU, ICMBIO, BERACA, IDEFLOR, CNS e EMATER | 6 grupos identificados |
| | | Articular parcerias para realizar atividades de sensibilização (oficinas, cursos, intercâmbios, etc.) | Curto | Os 11 apontados acima mais Associações, Cooperativas e STTRs | 30 oficinas de sensibilização realizadas para 80 pessoas dos 6 grupos |
| Fomentar comercialização | Melhoramento de estruturas físicas | Identificar locais adequados para estruturas de armazenamento, beneficiamento e estoque do produto final | Curto | ASSOCIAÇÕES, COOPERATIVAS, INCRA, PREFEITURAS, ICMBIO E SEMA | 6 áreas para estruturas identificadas |
| | | Construção de novas estruturas físicas e melhorar as existentes | Longo | PREFEITURAS, INCRA, BASA, COMUNIDADES, UNIVERSIDADES, VISAS, SECRETARIAS MUNICIPAIS. | 3 novas estruturas construídas e 1 melhorada |
| | Estruturas legais | Reunir e produzir material didático sobre legislação para andiroba | Médio | EMATER, SEMED, SEDUC, ICMBIO, UFPA, UFRA EPEABIRU | 1 cartilha produzida sobre a legislação para o manejo e 1 cartilha produzida sobre experiências de comunidades (2 mil exemplares) |
| | Melhorar qualidade | Firmar parcerias com órgãos reguladores | Médio | ANVISA, SEMED, SEDUC, ICMBIO, UFPA, UFRA E PEABIRU | |



| | | | | | |
|-------------------|--|--|-------|--|---|
| Áreas recuperadas | | Articular parcerias para realizar capacitações e eventos | Curto | ANVISA, CNS, GIZ, Peabiru, CODETEM | |
| | | Articular parcerias para realizar capacitações e treinamentos | Curto | | 1 oficina de manejo realizada para os 6 grupos 1 capacitação em comercialização realizada para os 6 grupos 1 oficina de boas práticas realizada para os 6 grupos 1 oficina de manipulação realizada para os 6 grupos 1 oficina de gestão realizada para os 6 grupos |
| | | Criar banco dados de pesquisas (universidades e instituições) | Curto | Peabiru, Universidades, EMATER, GIZ, SEDUC | 1 banco de dados criados com 60 artigos publicados sobre a andiroba |
| | Obter certificação orgânica para as Cooperativas | Buscar Instituições para assessoria | Longo | AMAM, CODETEM, CNS, prefeituras e ICMBio | 1 parceria firmada com instituição de acessória jurídica. |
| | Identificação de mercado | Pesquisar mercado | Médio | Universidades, GIZ, SEBRAE e sindicatos | 6 planos de negócio elaborados (um para cada grupo) |
| | Reflorestamento | Identificar as espécies -Aumentar produção -Criar viveiros | Curto | EMBRAPA, SENAR, EMATER, SEMA, prefeituras e sindicatos | Espécies identificadas |
| | | | | | 6 viveiros criados |
| | | | | | Áreas recuperadas e reflorestadas |



3.5. Governança

23/05/2013

- Formação do Núcleo Gestor do APL da andiroba marajoara;

39

A Sra. Angela Kaxuyana deu as boas vindas e iniciou os trabalhos do dia apresentando a visão de futuro do APL da andiroba construída pelo grupo. Na oportunidade parabenizou a todos pelo avanço dos trabalhos durante os dias da oficina, pois o grupo atingiu o objetivo discutindo a situação do trabalho atual das comunidades com a produção da andiroba e enfatizou que esta, assim como outros produtos amazônicos da sociobiodiversidade, enfrentam dificuldades para que sejam reconhecidos no mercado de fato como produtos diferenciados e de qualidade, pois os mecanismos legais são muito complexos e não atendem a especificidades de cada povo, grupo ou comunidades.

Essa relação foi ratificada pela Sra. Letícia Sales - CNS:

“Entendemos que o principal objetivo é capacitar os grupos tradicionais, melhorar as estruturas físicas e de fato criar uma identidade marajoara. Conseguir certificação de produto orgânico também é importante, mas além disso temos que identificar mercado para expandir. Sem esquecer é claro do reflorestamento, criação de viveiros para aumentar a produtividade, articular parcerias para intercâmbio, criar cursos e um banco de dados”.

Segundo a metodologia *Value Links*, que orienta a execução deste trabalho, a formação do núcleo gestor para APL da andiroba no Marajó deve:

“Além de atender uma necessidade óbvia de coordenação, reunir empresas e organizações de apoio em grupos ou comitês núcleo tem muitas outras vantagens: estabelece relações pessoais e profissionais entre os atores; ajuda a construir progressivamente a confiança e a autoconfiança e alimenta o processo de aprendizagem; as instituições criadas para ação



coletiva em cadeias de valor são também uma pré-condição para aprofundar o diálogo público-privado; ao mesmo tempo, os grupos núcleo e os conselhos fornecem uma plataforma para a coordenação de diferentes contribuições de doadores.”

Value Links Módulo 4 - Brasília, 2008.

40

Neste sentido discutiu-se que o núcleo terá como função coordenar o Plano de Ações, conseguir parcerias e auxiliar a comunidade no processo de desenvolvimento do projeto, e que uma das condições é que as comunidades não poderiam trabalhar sozinhas. A plenária então indicou que o quadro seguinte, **Figura 13**, trás lista de instituições que poderão compor o núcleo, pois, de acordo comum, foi dito que não indicariam as instituições para cada ação específica do Plano de ações até a próxima reunião do núcleo.

| NÚCLEO GESTOR APL ANDIROBA - MARAJÓ |
|--|
| 1- SENAR |
| 2-VISA ESTADUAL |
| 3-COPEMAFLIMA |
| 4-CNS |
| 5-GRUPO DE MULHERES/RESEX MAPUÁ |
| 6-STTR/BAGRE |
| 7-STTR/RESEX MAPUÁ |
| 8-ASSOCIAÇÃO UMARIZAL |
| 9-ICMBIO |
| 10-ASUREMA |

Figura 12 Lista do núcleo gestor APL andiroba

Durante o processo de escolha dos integrantes do núcleo gestor, representantes da GIZ entenderam que a instituição não se encaixa como participante do núcleo gestor. Eles atuam na capacitação e assistência às comunidades.

Às 17:00 deste dia deu-se como encerrado a oficina da APL andiroba, a Sra. Angela Kaxuyana agradeceu a participação de todos os presentes e dos que não puderam acompanhar todos os dias



de trabalho, mas que cooperaram bastante para o bom andamento de todo o processo. Apresentou novamente todos os resultados obtidos pelo grupo do APL da andiroba marajoara, ressaltou, porém que o encerramento de toda a atividade seria na sexta feira (24/05) e que seria importante a presença de todos, pois poderiam contribuir para as discussões do grupo do APL do açai por pertencerem à mesma região.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito embora o Projeto tenha previsto, ao alinhar-se à chamada pública, tratar as cadeias do açaí e da andiroba em conjunto, a realidade apresenta essa estratégia como pouco efetiva. Devido às complexidades implícitas às duas cadeias de valor e as dimensões colossais do Marajó, o Instituto Peabiru entendeu por melhor tratá-las em separado. Por estes motivos é que houve a formação de dois grupos de trabalho durante a Oficina, um para o APL do açaí e outro para o APL da andiroba.

O mapeamento da cadeia de valor da andiroba no Marajó demonstrou diversas fragilidades, entre as quais destacamos a escassa rede de relações formais, fato que coloca o APL, em especial as etapas da cadeia ligadas aos extrativistas, na informalidade.

Uma das maiores fragilidade identificadas na oficina diz respeito à falta de políticas públicas específicas que regulamentem a atividade, em especial, como exposto acima, nos elos da cadeia mais ligados ao extrativista (extração e primeiro beneficiamento):

“Todavia, as políticas públicas são ainda insuficientes, os programas de apoio e fomento são extremamente desarticulados e pulverizados, tanto em espacialmente quanto no interior das cadeias produtivas. Assim como são poucas as ações legais existentes. Dessa forma, as comunidades extrativistas e produtoras se encontram desprovidas de um marco legal apropriado e o que existe está totalmente desarticulado.”

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos – CGEE/2007

(Sub-rede de Dermocosméticos na Amazônia a partir do Uso Sustentável de sua Biodiversidade com enfoques para as Cadeias Produtivas da: Castanha-do-Pará e dos Óleos de Andiróba e Copaíba).

Também ficou claro a falta de domínio por parte das comunidades extrativistas sobre processos de comercialização, demonstrado nas falas:

“Existem lojas especializadas em produtos naturais, não sabemos quem são seus fornecedores, então seria uma oportunidade para negociar. Mas para isso a andiroba do Marajó tem que se firmar como produto de qualidade e orgânico, pois quando a produção é consciente



ganha mercado mais rápido, nesse caso o selo de origem é indispensável para agregar valor ao produto”.

Tamires Cruz - COOPEMAFLIMA

Outra grande fragilidade exposta diz respeito à questão dos serviços ligados ao transporte. A realidade de meios de transporte dos municípios do Marajó é similar à maior parte do Estado, com limitações de linhas de barco, excesso de passageiros, insegurança durante as viagens fluviais e constante mudança de dias e horários de navegação. Em pesquisas realizadas sobre situação de transporte fluviais, constata-se que o cenário é alarmante em todo Estado do Pará, pois segundo as informações da Agência Nacional de Transportes Aquaviários – ANTAQ (2008) há um grande número de empresas operando de forma irregular na navegação fluvial de passageiros na Amazônia, atividade associada também à falta de funcionários da ANTAQ para fiscalização.

Para entender melhor sobre esse contexto, do sistema de transportes, relatado durante a construção do mapeamento e corroborado em pesquisas, vale ressaltar que por considerar as características físicas da planície amazônica, assim como a precariedade dos meios de acesso às cidades mais distantes das capitais dos Estados, o modal hidroviário é o mais utilizado. Há relativamente poucas empresas regulamentadas que operam nos trechos das cidades entre Belém e Macapá. Nesse sentido as cidades pequenas dos municípios têm, embora insuficientes, linhas regulares. Porém, além das linhas regulares há uma multiplicidade de barqueiros prestando serviços de transporte, muitas vezes precário, o que denota a preocupante insuficiência e precariedade dos transportes na região. Isso torna o escoamento dos produtos e contato com mercado consumidor como um dos maiores entraves para cumprimento de algumas etapas da cadeia, como por exemplo, o deslocamento dos produtores extrativistas às sedes municipais para emissão de notas fiscais.

Outros problemas identificados que também implicam na inserção dos produtos da sociobiodiversidade do Marajó no mercado, e não somente para a andiroba em si, além das emissões de notas fiscais, é a obtenção de certificação orgânica dos produtos,

pois segundo os relatos dos participantes, não há conhecimento sobre marco regulatório que simplifique a obtenção desse certificado e que garanta a especificidade dos grupos envolvidos.

44

“Notas fiscais emitidas pela prefeitura são necessárias, pois facilitaria a comercialização dos produtos, tendo em vista que na venda de óleo ou sementes para BERACA as associações e cooperativas precisam vir até Belém para conseguir a documentação exigida pela empresa e assim poder vender seus produtos”.

Sra. Leticia Sales – CNS.



Foto 2: Construção das etapas da cadeia de andiroba.

Segundo Leticia Sales – CNS:

“Antes de a Natura criar a linha de cosméticos de andiroba, os técnicos da empresa passaram um período nas comunidades do Marajó para entender como funcionava o processo de extração do óleo e poder então criar os produtos. Nesse período a Natura comprava andiroba direto da comunidade, mas atualmente compra da BERACA devido à falta de certificação orgânica, nota fiscal e toda documentação que os extrativistas não podem fornecer”.

Ressalta-se a grande relevância para a formação do núcleo gestor, por entender-se que a formação desse núcleo é oportuna para melhoria da cadeia, assim como estabelecer diálogo entre seus atores e destes com as instituições de apoio e financiamento, para melhorar a competitividade, pois como foi exposto por todos os participantes durante os dias da Oficina, ainda não existem parcerias formais ou informais a fim de superar gargalos na dimensão



socioeconômica do Marajó, além da falta de diálogo entre as comunidades extrativistas e as entidades de pesquisa e inovações tecnológicas que permita à produção local concorrer no mercado convencional e predatório e potencializar as vantagens competitivas.

De forma geral percebe-se que projetos como este têm o potencial transformador por trazerem, de forma participativa, os diversos atores sociais envolvidos no território a construir o conhecimento sobre seu objeto de atuação, neste caso a cadeia de valor da andiroba, para poderem, através de processos reflexivos, pensarem ações para seu desenvolvimento.

4.1. Relação dos participantes da Oficina de Andiroba

| Nome | Instituição/Comunidade |
|------------------------------|------------------------|
| Marcos Antônio Souto Maia | STTR_Bagre |
| Katharina Balh | GIZ |
| Fortunato Brito Gonçalves | AMOREMA |
| Micheli Marques da Conceição | AMOREMA |
| Cristiane Duarte | SENAR |
| Bert Smit | GIZ |
| Malena Araújo | BERACA |
| Selma R. M. Lisboa | SESPA/DVS |
| Silvia Carla Galuppo | ICMBio |
| Angela Amanak'wa Kaxuyana | Instituto Peabiru |
| Swellen Barbosa | Instituto Peabiru |
| Manoel Potiguar | Instituto Peabiru |
| Hermógenes Sá | Instituto Peabiru |



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Amazônia – Brasil. Rede de Inovação – Brasil. I. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, Sub-rede de Dermocosméticos na Amazônia a partir do uso sustentável de sua biodiversidade com enfoques para as cadeias produtivas da: castanha-do-pará e dos óleos de andiroba e copaíba: 2007. Brasília

FERRAZ, Isolde Dorothea Kossmann , CAMARGO, José Luís Campana , SAMPAIO, Paulo de Tarso Barbosa - **SEMENTES E PLÂNTULAS DE ANDIROBA (*Carapa guianensis* AUBL. e *Carapa procera* D. C.): ASPECTOS BOTÂNICOS, ECOLÓGICOS E TECNOLÓGICOS.** Disponível em <http://acta.inpa.gov.br/fasciculos/32-4/PDF/v32n4a10.pdf>. Acessado 07/06/2013 as 10:40

Instituto Peabiru - **Projeto de fortalecimento dos Arranjos Produtivos Locais – APL's de açaí e andiroba no Marajó (PA) -2012.**

Plano Nacional de Promoção das Cadeias da Sociobiodiversidade - **Guia Metodológico de Implementação das Oficinas de promoção de Cadeia de Valor- Manual ValueLinks-B – Brasília- 2009.5**